

RELAÇÃO INTERTEXTUAL ENTRE ARTES: POESIA *RETRATO*, DE CECÍLIA MEIRELES E PINTURA *AS VELHAS*, DE GOYA

Mônica Luiza Socio FERNANDES*
Laís Maykielen de Carvalho LUIZ**

- **RESUMO:** Este artigo visa analisar intertextualmente a poesia *Retrato*, de Cecília Meireles (2006), e a obra pictórica de Goya (2012), *As velhas*, na tentativa de aproximá-las, principalmente em seu conteúdo temático, o tempo. Para tanto, foram utilizados os preceitos da Literatura Comparada, as noções da Intertextualidade, de Julia Kristeva, vinculadas ao dialogismo bakhtiniano, bem como a ligação entre a literatura e as artes visuais, bem observada por Praz (1982) e Souriau (1983). Considerando as diversas relações que uma arte estabelece com outras, numa perspectiva metodológica comparativista, foram feitos levantamentos das similaridades entre as duas obras expressas em linguagens diferentes e períodos distintos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Tempo. Intertextualidade. Literatura. Pintura.

Introdução

O presente trabalho visa mostrar a relação intertextual existente entre um texto literário (poesia) e uma obra pictórica. A intertextualidade promove o diálogo entre textos que podem ser expressos em diferentes linguagens e estéticas, proporcionando uma ampliação dos seus sentidos.

Nosso trabalho está composto por algumas seções. Na primeira, discutiremos algumas noções de intertextualidade, termo cunhado por Julia Kristeva, e breve aporte teórico da Literatura Comparada. Na segunda seção, introduziremos o conteúdo temático do tempo na literatura e nas artes. Na terceira seção, será abordada a aproximação entre a literatura e as artes visuais. E, na quarta, analisaremos as duas obras escolhidas como *corpus* desta pesquisa, tendo por base o levantamento das suas

* Unespar – Universidade Estadual do Paraná, Campus Campo Mourão – Programa de Pós Graduação em Sociedade e Desenvolvimento. Campo Mourão, PR – Brasil. 87.303-100- msociofernandes@gmail.com

** Unespar – Universidade Estadual do Paraná, Campus Campo Mourão. Campo Mourão, PR – Brasil. 87.303-100- lala_maykielen@hotmail.com

Artigo recebido em 31 de outubro de 2013 e aprovado em 07 de dezembro de 2013.

similitudes e também das particularidades das linguagens utilizadas e organizadas de forma expressiva em cada uma das obras.

A Intertextualidade

A Literatura Comparada (LC) teve seu início na França com Abel-François Villemain que ministrava cursos sobre literatura do século XVIII e utilizou a expressão “Estudo da Literatura Comparada”. Não há um consenso quanto à natureza da LC, pois há diferentes investigações, metodologias e objetos de análise, concedendo à Literatura Comparada um grande campo de atuação.

No início, os comparativistas apenas notificavam seus conhecimentos acerca das literaturas comparadas, segundo Guyard (1956), faltava-lhes o método. Conforme Carvalhal (2001), apesar de a LC parecer ser exclusividade dos franceses, o americano René Wellek, publica o artigo “Crise da Literatura Comparada” durante o Segundo Congresso de Literatura Internacional de Literatura Comparada, em Chapel Hill. Ele faz uma dura crítica aos manuais clássicos e propôs “o abandono dos estudos de fontes e influências em favor de uma análise centrada no texto e não em dados exteriores” (CARVALHAL, 2001, p.37).

Surge então uma necessidade de renovação dos conceitos básicos de LC. No século XX, começa-se a pensar em tornar científico o funcionamento dos textos literários, surgindo, portanto, a teoria literária.

Dentre as contribuições de renovação dos conceitos de Literatura Comparada, destacamos as noções do Dialogismo desenvolvidas pelo filósofo e pensador da linguagem Mikhail Bakhtin. Bakhtin (apud FIORIN, 2008), considerava que a língua no seu todo, concreta e viva, e em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Segundo Beth Brait (2005, p.32), o dialogismo é:

[...] o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é individual, nas duas acepções de dialogismo mencionadas, não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que por sua vez, são seres sociais e não é individual porque se constrói como “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos.

Ou seja, o dialogismo é uma relação dialógica entre os textos, um sendo incorporado ao outro. Carvalhal (2001, p.48, grifo do autor) pontua que Bakhtin acredita que “[...] o texto escuta as ‘vozes’ da história e não mais as re-presenta como unidade, mas como jogo de confrontações”.

A partir dos estudos dialógicos de Bakhtin, a semiótica Julia Kristeva, desenvolve sua teoria da *intertextualidade*, e a publica em 1969, na revista *Critique*. Para Fiorin (2003, p.30), “[...] a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto ao outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”.

Samoyault (2008) cita o crítico literário francês, Gerárd Genette, que divide a intertextualidade em quatro tipos: a citação, a alusão, a referência e o plágio. Destacamos a *alusão*, a tipologia presente entre as obras que serão analisadas, que é conceituada por Samoyault (2008) como a que remete a um texto anterior sem marcar sua heterogeneidade, ao contrário da citação, que possui uma heterogeneidade explícita. A alusão é de cunho semântico, pois remete ao outro texto de forma subjetiva, dependendo da leitura e percepção do leitor. Também abordada por Koch, Bentes e Cavalcante (2007), a alusão é chamada de intertextualidade temática, que é encontrada, por exemplo, em:

[...] textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou a uma mesma corrente de pensamento, [...] entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal [...] entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopéias, ou mesmo entre textos literários de gêneros e estilos diferentes...; entre diversos contos de fada tradicionais e lenda que fazem parte do folclore de várias culturas...; histórias em quadrinhos de um mesmo autor; diversas canções de um mesmo compositor ou de compositores diferentes; um livro e o filme ou novela que o encenam; várias encenações de uma mesma peça de teatro, as novas versões de um filme, e assim por diante (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p.18).

Neste artigo, a intertextualidade temática do tempo é abordada considerando as diferentes artes: a poesia e a pintura.

O tempo

Em sua concepção inicial, criada pelos povos maias, o tempo apresentava um “caráter mágico e politeísta”. Eles viam as divisões do tempo como “[...] cargas transportadas por uma hierarquia de portadores divinos que personificavam os números pelos quais os vários períodos – dias, meses, anos, décadas e séculos – se distinguem” (WHITROW, 2005, p.16). Posteriormente, com a mudança da vida nômade para uma existência agrícola e mais organizada, o tempo passou a ser observado conforme os fenômenos cíclicos da natureza, que foi entendido por eles como um processo de luta entre os poderes divinos e demoníacos.

A partir daí, foram criados os rituais e as festas marcados em calendário, pois era importante que os rituais e os sacrifícios ocorressem em datas fixas.

No período medieval, com o surgimento da classe mercantil, o ritmo de vida aumentou e o tempo passou a ser considerado algo valioso, pois admitiam que “tempo é dinheiro!”, fazendo com que os homens acreditassem que deveriam usá-lo de forma econômica. Noção que se acentua cada vez mais no meio social.

No tempo contemporâneo, com a vigência do capitalismo, houve um aumento em nossa consciência do tempo, e, segundo Pelbart (2000), não deveria nos surpreender que poucas épocas na história tematizaram com tanta ênfase o tema do tempo. Ainda conforme Pelbart (2000), hoje em dia não passamos o tempo como se estivéssemos navegando em um rio – calmamente, e sim como se estivéssemos fluindo em um moinho turbulento e caótico.

Whitrow (2005, p.46) salienta que: “[...] não é o tempo em si que produz os efeitos (de passagem), mas sim o que ocorre no tempo, pois ele não é uma simples sensação, depende dos processos de organização mental que unem o pensamento à ação”.

Atualmente, acredita-se que o senso do tempo é produto da evolução do homem e esse senso temporal depende de alguns fatores, como de “[...] estarmos realmente sentindo o tempo em questão ou olhando o tempo passado”, o fator da idade, pois “[...] os processos orgânicos tendem a tornar-se mais vagarosos quando envelhecemos, de modo que, comparado com eles, o tempo físico parece passar mais depressa” (WHITROW, 2005, p.48 e p.49). Essa aceleração do tempo físico e da idade é o principal tema do poema e da pintura que serão analisados posteriormente neste artigo.

A poesia não se insere no tempo, ela é em sua essência a-histórica, a-narrativa e a-geográfica, ou seja, não se prende às dimensões do tempo, mas pode tê-lo como tema, como observamos na poesia *Retrato*, de Cecília Meireles. Segundo Massaud Moises (1984, p.43-44, grifo do autor), a “[...] data de elaboração de um poema, em vez de lhe determinar um ponto no tempo espacial, tão somente assinala o momento em que a obra ‘nasceu’ no poeta”. O tempo interno distancia-se do tempo histórico e conhece apenas o tempo da emoção e do sentimento.

Nas artes visuais, o tempo pode ser representado de maneiras diferentes: como por um ancião de asas, utilizando uma ampulheta ou uma foice; por coisas que murcham ou desaparecem, mostrando a sua fugacidade. Relacionado a este sentido é comum a utilização de flores, de fumaça ou de bolhas, e de coisas que lembram a morte como uma caveira.

Com base nas duas produções, podemos afirmar que ambas tocam no mesmo tema e que, apesar de utilizarem meios expressivos diferentes, produzem efeitos semelhantes em seus leitores/observadores.

A literatura e as artes visuais

É evidente a existência de uma relação entre as diferentes manifestações da arte. “Pintores, escultores, músicos, poetas, são levitas do mesmo templo. Servem, senão ao mesmo deus, pelo menos a divindades congêneres” (SOURIAU, 1983, p.14). As diferentes formas de arte são como idiomas diferentes, Souriau (1983, p.24) destaca que nas artes a imitação exige a tradução, o pensar em um material diferenciado, a invenção de elementos artísticos paralelos de preferência aos literalmente semelhantes.

A correspondência entre pintura e poesia vem desde os tempos remotos e é alvo de pesquisas de vários estudiosos, como Jean H. Hagstrum em *The Sister Arts: The Tradition of Literary Pictorialism and English Poetry from Dryden to Gray* (As Artes Irmãs: a Tradição do Picturalismo e a Poesia Inglesa, de Dryden a Gray) que trata da história conjunta entre a pintura e a poesia em suas origens.

Durante séculos, pintores buscaram suas inspirações nos temas literários e poetas tentaram pôr no papel – por meio das palavras – as imagens que as artes visuais ofereciam. Mas, mesmo sendo muito próximas, a literatura e as artes visuais, bem como a música,

[...] têm cada qual sua evolução individual, de ritmo diferente e diferente estruturação interna dos elementos [...]. Devemos conceber a soma total das atividades culturais do Homem como um sistema integral de séries que se desenvolvem por si (WELLEK; WARREN apud PRAZ, 1982, p.17).

Não necessariamente idênticas às das séries vizinhas. Conforme Praz (1982), as artes visuais cristalizam um estado de espírito, já as artes verbais parecem ser capazes de captar e deter a impressão incerta que um estado de espírito produz em nós antes de assumir e fazer dele uma imagem visual. Sobre esta particularidade, Matthew Arnold (apud PRAZ, 1982, p.60) diz que “a poesia é mais intelectual que a Arte, mais interpretativa”.

Sobre as características das artes poética e pictórica, Paz (1982, p.22) diz que: “O poema é feito de palavras, seres equívocos que, se são cor e som, também são significado; [...] As artes plásticas e sonoras partem da não-significação; o poema, organismo anfíbio, parte da palavra, ser significante”.

Considerando o exposto, voltemos o foco para as artes comparadas nesta pesquisa. Para falar sobre a temática do “tempo” que vai se esgotando e chegando ao fim, o pintor Goya utilizou-se em seu desenho, cores, formas, texturas, que juntamente com o volume, formam a imagem de duas mulheres idosas, vestidas a rigor, olhando-se no espelho. Observando a cena está a figura mitológica de Saturno, deus do tempo. Já na poesia de Cecília Meireles as ocorrências temporais marcam resultados da passagem do tempo no interior psicológico e exterior físico do eu-lírico.

Paz (1982, p.22) acredita que “Uma tela, uma escultura, uma dança são, à sua maneira, poemas. E essa maneira não é muito diferente da do poema feito em palavras”. Diferentes meios foram utilizados para representar a passagem do tempo na vida do ser humano. “Aquilo que o pintor transmite numa imagem visual, o poeta comunica numa linguagem que alude vagamente às implicações do cenário natural” (PRAZ, 1982, p.62). Tais palavras indicam a pertinência de um estudo comparativo entre artes, em especial por ser o homem capaz de manifestar de várias maneiras um mesmo pensamento.

Análise intertextual da poesia *Retrato* e da pintura *As Velhas*

Conhecer um pouco sobre os artistas que têm suas obras aqui analisadas, certamente trará algumas importantes pistas sobre suas produções.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles, nasceu no ano de 1901, na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se professora e em 1919 publicou seu primeiro livro *Spectros*. A poetisa era fortemente influenciada pelo movimento literário simbolista, mesmo inserida no contexto do Modernismo. Suas poesias eram marcadas pela musicalidade e pelo uso de imagens visuais e auditivas. Palavras como bolha, areia, espuma, lua e vento eram recorrentes e simbolizam o efêmero, aquilo que passa. Os principais temas relacionados a sua produção eram a noção de perda amorosa, de abandono e de solidão. Descrevia uma angustiada passagem do tempo, da efemeridade de todas as coisas, sobretudo dos sentimentos.

Francisco José de Goya y Lucientes foi um importante pintor espanhol da fase do Romantismo. Nasceu na cidade espanhola de Fuendetodos no ano de 1746. Seus temas eram diversos: deuses, paisagens, guerras, homens, mulheres, demônios, cenas mitológicas, religião, feiticeiros. Com uso de cores fortes e vivas, transmitiu alguns sentimentos humanos como angústia, felicidade, sofrimento, melancolia, medo, etc.

Mesmo sendo de artes e de períodos tão diferentes, percebemos que há uma aproximação quanto à temática. Uma abordagem que é recorrente e sempre estará nas produções artísticas, pois remete a reflexões que se ligam a preocupações constantes inerentes ao homem.

A seguir, destacamos o poema *Retrato*, de Cecília Meireles (2006, p.19)

Retrato

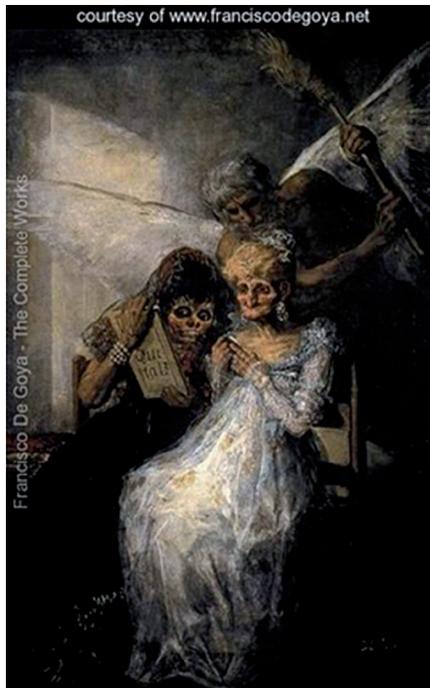
Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Também é importante observar uma imagem da pintura elaborada por Goya, pois assim como o poema é um texto base para as análises deste artigo.

Figura 1: *As Velhas*



Fonte: GOYA, 2012

O eu-lírico, nas duas primeiras estrofes do poema, expõe tanto seu aspecto físico, como o sentimento interior motivado pela passagem do tempo.

Quando o eu-lírico menciona os olhos vazios, remete-nos à simbologia dos olhos com a habilidade de ver além do físico, ver os reinos da alma e do espiritual.

Percebemos que, com o passar do tempo, o eu-poético sentiu esse vazio provocado pela velhice, pelo sentimento de tristeza e melancolia, que é marcado no último verso da primeira estrofe “nem o lábio amargo”.

Em *As velhas*, de Goya, há a representação de duas senhoras, que estão se olhando no espelho, como que tendo o mesmo sentimento e como se elas próprias fossem o eu-lírico que Cecília descreve em seu poema. O espelho mostra a realidade do tempo presente, mas parece que elas vivem presas ao passado pelo tipo de vestimentas que usam: vestidos de festa que não condizem com o estágio em que vivem, pois, assim como os adornos, seriam mais adequados às jovens.

No poema, observamos a presença do eu-lírico falando de si mesmo, descrevendo a forma atual de sua face: “Eu não tinha este rosto de hoje/ assim triste, assim calmo, assim magro” (MEIRELES, 2006, p.19). Para descrever, o eu-lírico recorre ao que foi no passado. Ele faz uma comparação entre tempos diferentes e observa a mudança. Nestes versos percebemos ainda o sentimento de tristeza do eu-lírico pela passagem do tempo.

Novamente com foco na obra pictórica *As velhas*, podemos observar a imagem das duas senhoras, com o olhar distante e vazio, e o aspecto caveiresco retratam bem o sentimento do eu-lírico. Voltando ao poema, em sua segunda estrofe, o eu-lírico fala do aspecto de suas mãos, “tão paradas e frias e mortas”, que remete ao contraste das mãos juvenis, sempre em movimento, em luta pelos objetivos e o sangue correndo fortemente nas veias. Traz-nos, também, uma visão adiantada da morte, pois quando morremos nossas mãos logo ficam “frias e mortas”. O poema apresenta os fatos numa linha gradativa que vai da vida para a morte: primeiro as mãos perdem as forças e os movimentos, indicando a falta de energia para o trabalho e para a luta pelo futuro; depois vem a desaceleração que culmina com o estado de estagnação das mãos paradas e frias que podem ser associadas à morte.

Na pintura, as mãos das mulheres também estão em evidência e apresentam as marcas do tempo que passou. Goya representa *Chronos* ou Saturno, que na mitologia grega é o deus do tempo e é retratado como um ancião por uma foice, algumas vezes por uma ampulheta e um cedro, como acontece neste caso. Ele está atrás das senhoras, e numa atitude contemplativa, observa o aspecto terminal das mesmas. Talvez por isso não tenha pressa, pois sabe que o tempo está se esgotando e a morte, cada vez, se aproxima.

Na última estrofe, o eu-lírico reafirma a transitoriedade da vida em “Eu não me dei por essa mudança”, significa que o tempo passa e muitas vezes não percebemos, uma transformação que se instaura de forma “tão simples, tão certa, tão fácil”, ou seja, a velhice é algo que vem naturalmente, é simples e fácil, não precisamos fazer nada para que ela aconteça, e é algo certo, natural, pois todos os seres humanos estão sujeitos a essa fase da vida.

Na pintura de Goya, as senhoras parecem usar vestidos especiais, não comuns ao dia-a-dia. Podemos associar a forma como estão apresentadas com a maneira simbólica dos mortos serem tratados e arrumados. Eles são adornados e trajam suas melhores vestes, como os vestidos de festas, os ternos ou outra roupa que lhe fique bem. Ainda se liga à exteriorização da individualidade e alude à classe social a que pertence.

Nos últimos versos do poema, o eu-lírico faz um questionamento: “- Em que espelho ficou perdida/ a minha face?” (MEIRELES, 2006, p.19), o espelho seria o momento em que ele perdeu a sua vitalidade, a sua face juvenil e sua vida, pois para o eu-lírico, a velhice tem ligação com a morte, e a face do presente denuncia essa juventude perdida. De forma análoga, as senhoras da pintura, parecem estar se olhando no espelho e fazendo o mesmo questionamento, que é demonstrado no espelho pela pergunta “¿Qué tal?”. Ainda na mão de uma das senhoras, percebemos um pequeno objeto, talvez um retrato de quando era jovem, ou de um antigo amor dos tempos passados, quando o coração ainda era aberto e expunha seus sentimentos.

O título do poema *Retrato* se encaixa perfeitamente com o sentido do texto, pois em um retrato temos nossa imagem cristalizada, estática, e o eu-lírico deseja essa imagem de um determinado momento, mas não se dá conta da implacável passagem do tempo.

Para a pintura, outra possibilidade de leitura é da prospecção da velhice através do espelho, como se as senhoras ainda fossem jovens e a imagem pintada, seria a aparência que as mesmas terão assim que alcançarem a velhice.

Ambos os artistas utilizam-se de recursos para representar os sentimentos de tristeza e melancolia: Cecília faz uso da repetição das palavras “assim” e “e” para dar ao poema um tom mais lento, sentido ampliado pelo uso dos inúmeros sons nasais, e da anáfora “nem” para significar a mudança imperceptível da passagem do tempo; já Goya utiliza-se do recurso das cores e formas para demonstrar esses sentimentos, em sua pintura há o uso de cores frias e escuras, predominantemente usa a cor cinza, que tradicionalmente está associado à idade avançada e ao planeta Saturno, passando ao leitor a impressão de algo sombrio e obscuro geralmente sentidos e sentimentos negativos relacionados à morte.

Considerações finais

Um pensamento comparativo pode se valer da intertextualidade, e nos permite uma aproximação das artes literária e pictórica, compará-las é um exercício em busca de ampliação dos sentidos desses textos que se valem de recursos próprios e distintos. Nas análises percebemos que temáticas como a passagem do tempo e a morte apesar de passarem as duas artes não se restringem às obras analisadas, são preocupações

universais, comuns aos seres humanos, independente do período histórico e do espaço em que vivem.

Quando comparamos obras, verificamos que a essência das mesmas não é exclusiva do seu momento histórico de criação e do artista, pois a arte sempre se renova e é recriada em contextos e modos de vida diferentes. Sendo assim, essa pesquisa contribuiu para que pudéssemos ampliar os conhecimentos acerca das relações entre as artes literária e pictórica e sobre o processo intertextual que envolve outros textos no estabelecimento de sentidos.

FERNANDES, Mônica Luiza Socio; LUIZ, Laís Maykielen de Carvalho. Intertextual relationship between arts: the poetry *Retrato*, by Cecília Meireles and painting *As velhas*, by Goya. **Revista de Letras**, São Paulo, v.53, n.2, p.105-115, jul./dez. 2013.

- **ABSTRACT:** *This article aims to analyze intertextually the poetry *Retrato* by Cecília Meireles (2006) and pictorial works by Goya (2012), *As velhas*, trying to approximate them, especially in their thematic content, the time. For this, we used the precepts of Comparative Literature, the notions of Intertextuality, from Julia Kristeva, linked to bakhtinian dialogism, as well as the connection between literature and the visual arts as well observed by Praz (1982) and Souriau (1983). Considering the various relationships that establishes an art with others, in a methodological perspective comparativist, surveys were made of the similarities between the two works expressed in different languages and different periods.*
- **KEYWORDS:** *Time. Intertextuality. Literature. Painting.*

Referências

BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2001.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FIORIN, J. L. (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. 2.ed. São Paulo: Ed. da USP, 2003.

GOYA, F. **As velhas**. Disponível em: <<http://www.franciscodegoya.net/Les-Vieilles-or-Time-and-the-Old-Women.html>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

GUYARD, M. F. **Literatura comparada**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1956.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

MEIRELES, C. Retrato. In: _____. **Viagem**. [S.l.]: eBooks Brasil, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/viagem.pdf>>. Acesso em: 21 nov. de 2012.

MOISES, M. **A criação literária: poesia**. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PELBART, P. P. Tempo dos loucos, tempos loucos. **Revista Sexta-feira**, São Paulo, n.5, p.41-49, 2000.

PRAZ, M. **Literatura e artes visuais**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1982.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SOURIAU, E. **A correspondência das artes: elementos da estética comparada**. Tradução de Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto e Maria Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo: Cultrix, 1983.

WHITROW, G. J. **O que é tempo? uma visão clássica sobre a natureza do tempo**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

